CONJUNTURA INTERNACIONAL

PUC Minas

ETNOGRAFIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: OS CAMINHOS SINUOSOS DE UM ENCONTRO INTERDISCIPLINAR

Ethnography and International Relations: The Serpentine Journey of an Interdisciplinary Encounter

Etnografía y Relaciones Internacionales: Los Meandros de un Encuentro entre Mundo

Thaís Vieira de Paula
Professora Visitante na Universidade Federal de Lavras – Departamento de Ciências Humanas. Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra e Bacharela em Relações Internais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil
thais.vieira@ufla.br

Rodrigo Corrêa Teixeira
Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial e Professor do Departamento de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduado em História pela mesma universidade, Brasil
rteixeira@pucminas.br

Dossiê recebido em: 09 abr. 2025 | Aceito(a) em: 02 set. 2025.

RESUMO

A etnografia ainda é uma metodologia de pesquisa pouco utilizada nas Relações Internacionais, especialmente no Brasil. Os custos de uma pesquisa de campo, as distâncias entre a realidade do/a pesquisador/a e os temas de pesquisas, frequentemente representados por guerras, organizações internacionais e diplomacia, tornam ainda mais complicadas a realização de uma pesquisa de campo na área sem que haja um grande financiamento, ou mesmo contatos diretos nas áreas pesquisadas. O ato de etnografar também vem cercado de dúvidas e inseguranças, em que pesquisadores mais jovens constantemente se perguntam: o que é uma etnografia? Como fazer uma etnografia? Qual o tempo ideal de uma etnografia? Tentamos responder essas e outras perguntas no decorrer desse texto, abrindo espaço para discussões sobre a etnografia e as RI's, e propondo possibilidades de pesquisas.

Palavras-chave: Etnografia, Pesquisa de Campo, Relações Internacionais.

ABSTRACT

Ethnography is still a research methodology rarely used in International Relations, especially in Brazil. The costs of fieldwork, the distance between the researcher's reality and the research topics—often represented by wars, international organizations, and diplomacy—make it even more difficult to conduct field research in the area without significant funding or direct contacts in the studied regions. The act of doing ethnography is also surrounded by doubts and uncertainties, as younger researchers constantly ask themselves: What is ethnography? How does one do ethnography? What is the ideal duration of an ethnographic study? We attempt to answer these and other questions throughout this text, opening space for discussions about ethnography and IR, and proposing new research possibilities.

Keywords: Ethnography; Field Research; International Relations.

RESUMEN

La etnografía sigue siendo una metodología de investigación poco utilizada en las Relaciones Internacionales, especialmente en Brasil. Los costos del trabajo de campo, la distancia entre la realidad del investigador y los temas de investigación —a menudo representados por guerras, organizaciones internacionales y diplomacia— dificultan aún más la realización de

investigaciones de campo en el área sin financiamiento significativo o contactos directos en las regiones estudiadas. El acto de hacer etnografía también está rodeado de dudas e incertidumbres, ya que los investigadores más jóvenes se preguntan constantemente: ¿Qué es la etnografía? ¿Cómo se hace etnografía? ¿Cuál es la duración ideal de un estudio etnográfico? A lo largo de este texto intentamos responder a estas y otras preguntas, abriendo espacio para discusiones sobre etnografía y Relaciones Internacionales, y proponiendo nuevas posibilidades de investigación.

Palabras clave: Etnografía, Investigación de campo, Relaciones Internacionales.

1 INTRODUÇÃO

Na disciplina de Relações Internacionais não são raras as inquietações que emergem frente à, cada vez mais constante, interação entre a disciplina e a etnografia. Em primeiro lugar, há um debate que surge no âmbito da epistemologia, uma vez que, parte do *mainstream* do campo é constituída por meio de modelos teóricos mais abstratos alinhados às análises quantitativas, que tem como foco principal gerar conclusões genéricas sobre as questões que atravessam o sistema internacional. Ao discutir epistemologicamente a colaboração entre estes campos de estudos, visto como diversos, observaremos que este encontro pode possibilitar um trabalho mais aprofundado, que envolve o reflexivismo e o questionamento a respeito da eficácia e dos limites de teorias e metodologias que buscam produzir conhecimento através da generalização.

Em seus aspectos metodológicos, temos nas Relações Internacionais uma incansável busca por tendências e padrões que podem ser desenvolvidos em grandes e generalizáveis escalas (Waltz, 2002; Keohane e Nye, 1977). Argumentamos aqui que a interação metodológica entre as RIs e a etnografia permite que o sistema internacional possa ser observado e compreendido através de uma percepção detalhada e humanizada, considerando e desvelando/descortinando as suas diversas hierarquias de poder - não apenas entre Estados, mas entre seres humanos -, fragmentações sociais, desigualdades, entre outros. Contudo, essa "nova" metodologia de pesquisa para as RI's, implicará pensar a pesquisa de uma maneira completamente diferente da existente e mais consolidada, especificamente, no Brasil.

Neste sentido, este texto se constituirá através de uma revisão do estado da arte do uso da etnografia nas RIs que possibilite aos pesquisadores e pesquisadoras delinear percursos coerentes.. Para tanto, buscaremos responder algumas questões orientadoras observadas em sala de aula nos nossos cotidianos como pesquisadores e professores tanto na graduação, quanto na pós-graduação *stricto-sensu*, entre elas: O que é uma etnografia? Qual a diferença da etnografia na Antropologia para uma etnografia nas Relações Internacionais? Como organizar uma etnografia? Qual o tempo de duração de uma etnografia? Estas são perguntas clássicas em sala de aula, e são oriundas de quem tem o intuito de empreender uma etnografia em suas pesquisas, mas não obteve um contato aprofundado com o assunto.

Na próxima seção, apresentaremos alguns dos principais etnógrafos e etnógrafas reconhecidos tanto na Antropologia quanto na Sociologia e na Ciência Política, e que podem em muito contribuir para a apropriação da etnografia pelas RI's, possibilitando um entendimento amplo de como áreas tidas como tão diferentes podem se complementar.

2 O QUE É UMA PESQUISA ETNOGRÁFICA E SEUS DESDOBRAMENTOS COMO PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa etnográfica pode ser caracterizada por uma série de perspectivas e debates que figuram em torno da elucidação daquele ou daquilo que está sendo pesquisado. Em geral, podem ser definidas como: a) etnografia passiva ou ativa; b) etnografia multiespécies; c) a etnografia digital ou netnografia e; d) a etnografia política - apenas para citar alguns. Não é o objetivo deste artigo aprofundar em cada uma dessas áreas, contudo, discorreremos brevemente sobre as linhas apresentadas para que o leitor com pouca intimidade com o tema possa se familiarizar com as abordagens.

A etnografia passiva ou ativa descreve o comportamento do pesquisador no âmbito da observação. Para uma etnografia passiva, faz-se uma observação não-participante. Nesta, o pesquisador adota um distanciamento do foco da investigação. Enquanto em uma pesquisa etnográfica ativa, pesquisador e campo de estudo permanecem sempre em um processo de interação; há, nessa perspectiva, uma interatividade constante durante a pesquisa de campo. Tanto o ponto de vista ativo quanto o passivo são formas complementares das demais perspectivas etnográficas.

Eben Kirksey (2014) é um reconhecido pesquisador na área de etnografia multiespécies. A obra que organizou, *The Multiespecies Salon* (2014), traz as análises de diversos autores sobre as diferentes formas de intercâmbio entre múltiplas espécies e como elas se relacionam e possibilitam um espaço de coevolução. Parte do argumento do autor situa-se na necessidade dos acadêmicos tanto das humanidades e das ciências sociais experimentarem novas possibilidades de se relacionar com o mundo ao redor, e este "novo mundo" inclui fungos, bactérias, microrganismos, plantas e animais (Dooren et al, 2016).

Por sua vez, a netnografia - termo cunhado por Robert V. Konizetes (2010), também conhecida como etnografia digital - é o campo de estudos da etnografia que possibilita a realização de pesquisas etnográficas em ambientes digitais, não excluindo quaisquer possibilidades que o digital possa permitir: mídias sociais como whatsapp, telegram, signal, instagram, twitter, entre outros, desde um grande volume de dados (BigData), mas sem excluir os pequenos volumes (SmallData) situados, por exemplo, em páginas específicas da web.

No caso das etnografias políticas, Tilly (2006) explica que a etnografia política possibilita ao pesquisador uma ampla gama de acesso a processos, causas e efeitos. Tilly (2006) é contundente em informar que a política não pode ser circunscrita apenas a espaços formalizados e institucionalizados de poder; pelo contrário, a política acontece nas interações

dinâmicas e contingentes que ocorrem na sociedade, nas comunidades, nos seios das famílias, em grandes ou pequenos grupos.

Embora todas as explicações acima sejam válidas e devam ser levadas em consideração durante a pesquisa de campo etnográfica, Hammersley e Atkinson (2019) ensinam que as fronteiras entre as diversas perspectivas etnográficas, entre elas, a etnografia oriunda da Antropologia, a etnografia sociológica e a etnografia política, são demarcadas principalmente pelo *locus* de enunciação do pesquisador, não pelas grandes diferenças presentes nas etnografias produzidas pelas áreas citadas. A etnografia não pode ser encarada como rótulo padronizado, podendo, para as diversas áreas das Ciências Sociais, ser aplicada a partir de diferentes perspectivas.

Por muito tempo, a etnografia era vista como um método de pesquisa cujo único objetivo era a complementação dos estudos de etnologia[1]. Sua origem na antropologia, entre o fim do século XIX e início do século XX, trouxe o relato etnográfico como uma descrição aprofundada de determinadas comunidades ou culturas (Hammersley e Atkinson, 2019), especialmente no que diz respeito às culturas não-ocidentais presentes no Sul Global. Tais estudos eram elaborados em torno da consideração do primitivo no que tange os abismos culturais que demarcavam pesquisador e sujeito pesquisado.

Como destacam Hammersley e Atkinson (2019), os primeiros a produzirem trabalhos etnográficos foram os viajantes e missionários que produziam relatos densos sobre os lugares pelos quais passavam e, comumente, esses relatos eram utilizados por outros pesquisadores. Com o tempo, o próprio termo “etnologia” passa a cair em desuso, emergindo assim o termo “etnografia” a partir da presença mais frequente dos antropólogos em campo. Etnografia, neste momento, começa a ser compreendida como um processo investigativo empírico feito sem intermediários.

Foi no decorrer do século XX que a etnografia passou a ser adotada pela sociologia ocidental com uma abordagem de pesquisa, desencadeando um movimento de estudo comunitário entre Antropologia e Sociologia (Hammersley e Atkinson, 2019). O diálogo entre as duas disciplinas resultou em inúmeras pesquisas que evidenciaram espaços urbanos, especialmente, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Em geral, estas novas etnografias eram desenvolvidas para a compreensão dos processos de urbanização e industrialização (Hammersley e Atkinson, 2019).

Para Clifford Geertz (2008), um dos mais reconhecidos antropólogos do século XX, não se compreende o que é a etnografia, mas o que é a prática da etnografia, não se tratando apenas de questões de métodos, mas de relações. Geertz (2008) ensina que a prática da etnografia requer estabelecer conexões, selecionar informantes, transcrever textos, manter

[1] Ramo da Antropologia que se dedica ao estudo dos povos e culturas humanas.

um diário, participar do cotidiano do espaço etnográfico. Em síntese, para se empreender uma etnografia, faz-se necessário criar vínculos fortes e duradouros com o espaço que se busca etnografar.

Geertz (2008) afirma ainda que a etnografia exige uma descrição densa, que não pode ser realizada em períodos curtos de tempo. A partir dos desdobramentos do autor, entende-se que o que permite que uma etnografia seja o mais fiel possível ao que está sendo observado é o sentimento de proximidade que se tem com, por exemplo, a comunidade que está sendo observada. Neste sentido, há que se levar em consideração o tempo necessário para que se estabeleça confiança e reciprocidade entre o pesquisador e os observados.

Na prática da etnografia, o texto etnográfico observa algumas características fundamentais, que não são nem imutáveis, nem exclusivas, mas é certo que bons textos etnográficos contam com esses atributos. O primeiro deles diz respeito à sistematização da etnografia. Sabe-se que a etnografia não exige um desenho de pesquisa rígido, uma vez que muitas vezes o foco da observação só é descoberto com a sensibilidade desenvolvida quando o/a pesquisador/a já está em campo. Contudo, é fundamental sistematizar uma etnografia com base nos contextos cotidianos em que elas acontecem, não somente em condições criadas pelo pesquisador (Hammersley e Atkinson, 2019), como seria o caso, por exemplo, de uma entrevista, em que o pesquisador prepara todo o ambiente e, muitas vezes, o cenário para condução das perguntas.

O segundo atributo de uma etnografia é a multiplicidade de fontes (Hammersley e Atkinson, 2019). A observação participante é, sem dúvidas, o atributo fundamental de uma entrevista. Nela, o pesquisador interage, participa de situações, relaciona-se com campo de pesquisa. Entretanto, dados e evidências coletadas através de outras fontes muitas vezes são essenciais para compor o estudo. Assim, são validados para compor a etnografia fontes documentais, entrevistas e dados quantitativos. A etnografia não limita sua coleta de dados apenas para observação participante ou não-participante.

Como sugerido anteriormente, a coleta de dados é em certa medida não estruturada, como sugere o terceiro atributo (Hammersley e Atkinson, 2019). Isso não quer dizer que o pesquisador vai a campo sem nenhum tipo de definição do que está procurando, de quais informações lhes é mais sensível. Porém, no âmbito da etnografia, permite-se uma flexibilidade maior em relação ao desenho de pesquisa. Outro ponto fundamental que os autores apresentam é que as categorias de interpretação, comumente utilizadas de maneira pré-definida em outros tipos de pesquisa qualitativa, no contexto etnográfico, são desenvolvidas no fim da etnografia a partir da análise dos dados.

Outra característica da etnografia é que mesmo que seja feita em um ambiente amplo e de muitas informações e interações, ela deve ter como foco poucos casos específicos

(Hammersley e Atkinson, 2019). Nesse caso, a pauta proposta diz respeito à investigação e à descrição desta investigação, que deve ser feita de maneira tão densa quanto for possível.

E o último atributo que está sempre presente em boas etnografias é a interpretação, tanto dos significados, quanto das fontes, funções e consequências das ações investigadas - aqui não diremos ações humanas, uma vez que como já discutido neste trabalho a etnografia tem aberto espaço para inúmeras discussões no que diz respeito à etnografia multiespécies. Como consequência dos dados coletados, as produções da etnografia estão sempre no espectro das descrições verbais, explicações e teorias. Parte do objetivo de uma etnografia é gerar um aparato teórico para futuras análises.

Entretanto, além dos aspectos supracitados, faz-se necessário atentar-nos para uma das características fundamentais da etnografia: a não existência de hipóteses no desenho de pesquisa etnográfico. Para Clifford Geertz (2008) não faz parte do trabalho do etnógrafo a formulação de hipóteses para o teste posterior; na verdade, o campo de pesquisa deve ter como objetivo a interpretação das concepções culturais dos atos humanos. Trata-se de um trabalho de caráter indutivo, pautado em relações de profundidade, visando teorizar o comportamento ao invés de elaborar testes que permitam confirmações ou refutações de hipóteses previamente construídas.

Neste sentido, respondemos com base nos argumentos expostos acima que: como observa Geertz (2008), uma etnografia é uma descrição densa sobre um determinado fenômeno, comunidade, família, e o que mais puder ser utilizado como temática de estudo. Sobre as diferenças da etnografia entre as várias áreas das Ciências Sociais, argumentamos de acordo com Hammersley e Atkinson (2019) que não existem fronteiras que determinam a separação entre uma etnografia feita na Antropologia, na Ciência Política, na Sociologia ou nas Relações Internacionais: o que determina as diferenças são os enfoques dados às diferentes temáticas tratadas por cada disciplina e mesmo o l*ocus* de enunciação do pesquisador (como exemplo, um cientista político faz uma etnografia política). E sobre como organizar uma etnografia, como vimos em Hammersley e Atkinson (2019), a etnografia não conta com um desenho rígido como o de uma pesquisa quantitativa, por exemplo. O pesquisador vai a campo com uma temática de pesquisa e passa a observar o que tem a ver com essa temática, mas sempre com flexibilidade para mudanças e para novas escolhas durante o período de pesquisa. Na próxima seção iremos problematizar a etnografia na Ciência Política e suas contribuições e possibilidades para as Relações Internacionais.

3 ETNOGRAFIA, CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAS - POSSIBILIDADE DE AGENDA DE PESQUISA

A partir dos anos 2000, a Etnografia Política ressurge na Ciência Política como um método capaz de potencializar as pesquisas no referido campo de estudos (Baiocchi; Connor, 2008). As discussões a respeito da utilização desse método não são recentes, vide Lancaster (1988) e Brown (1997), contudo, a virada de século confere um novo impulso à área e um dos trabalhos que pode ser referenciado como esse marco é a etnografia de Javier Auyero (2001), cuja investigação centra-se numa etnografia sobre as redes peronistas na Argentina. Auyero (2001) segue sendo uma referência neste método.

Amplamente utilizada nas Ciências Sociais, a etnografia alinhada aos estudos da Ciência Política possibilita a observação instantânea de atores envolvidos em processos políticos, bem como a expansão da compreensão do que é entendido como político, pois vai além das categorias de Estado, poder, sociedade civil e movimentos sociais (Baiocchi e Connor, 2008). Trabalhar a etnografia na disciplina de Ciência Política possibilitou uma reconfiguração da área reconhecida por estar sempre centrada em suas investigações sobre o Estado e as instituições estatais, especialmente no Brasil.

Como afirmam os autores, empreender uma etnografia política transcende o pensamento da corrente dominante a respeito das fronteiras que demarcam o "território" de estudo da Ciência Política. É preciso pensar a disciplina de forma ampla como um estudo do poder social e das estruturas, instituições, movimentos, religião, identidades coletivas, entre outros, porque são estes aspectos que mantêm e desafiam os estudos políticos (Baiocchi e Connor, 2008).

Nesse sentido, o olhar etnográfico da política pode significar o estudo de inúmeras questões, entre elas: (a) estudar a política com o foco nos eventos, instituições, atores e movimentos que já estão consolidados no campo de estudo da Ciência Política. Baiocchi e Connor (2008) denominam esse estudo como etnografias de atores e instituições. Elas não são necessariamente mais fáceis de serem realizadas, mas, dentro do cânone da disciplina, costumam ser recebidas com maior abertura.

O segundo (b) estudo que pode ser adequado à etnografia é a investigação das relações entre instituições e atores, mas também entre cidadãos *outsiders* e movimentos políticos. Baiocchi e Connor (2008) intitulam esses estudos como "encontros com a política formal" (p. 140). Estes podem envolver o encontro de pessoas comuns com o movimento social, o encontro de líderes de instituições formais com os movimentos sociais, entre muitas outras possibilidades.

Para Baiocchi e Connor (2008) há uma terceira possibilidade (c) que é a identificação de outros fatores de impacto referente aos processos políticos, mas que seriam invisíveis em pesquisas não etnográficas. Como exemplo teríamos o estudo da apatia política dos brasileiros frente aos debates do Congresso Nacional, ou mesmo a psicologia política presente

nos movimentos de extrema direita que ganharam maiores proporções no Brasil a partir de 2016.

Um quarto ponto (d) que acrescentaremos e que vai além das visões dos atores supracitados, seria a etnografia política em espaços de estudos que se configuram como interdisciplinares, além de estarem nas fronteiras de estudos da disciplina, quase não sendo reconhecidos como parte. Seria, por exemplo, o estudo de Vieira (2023), cuja tese investiga a presença de igrejas pentecostais em territórios indígenas. Aceita com algumas ressalvas no departamento em que foi defendida, a tese analisa a presença do aparelho ideológico do Estado - a igreja - e da ideologia pentecostal no âmbito de terras indígenas, espaço de investigação dominado pelas pesquisas antropológicas.

Compreender brevemente como o método etnográfico pode ser utilizado no âmbito da Ciência Política nos permite inferir algumas respostas sobre sua utilização desta perspectiva metodológica no âmbito das Relações Internacionais. Sabe-se do caráter por muitas vezes limitado da disciplina em termos de pesquisas de campo. É possível reconhecer o trabalho de Cynthia Enloe (1990) como um dos grandes expoentes da pesquisa de campo na disciplina: a autora trabalhou com diversas entrevistas, em diversos os formatos, para argumentar que as RI's se constituem de baixo para cima, num movimento que não compreende apenas o nível doméstico dos Estados, mas também o nível privado da vida social.

Enloe (1990) e muitos outros autores do campo considerados como pós-positivistas foram criticados pela "falta" de perspectivas metodológicas na elaboração de suas pesquisas (Lapid, 1986). A crítica ao chamado Terceiro Debate pode ser interpretada como uma crítica às metodologias sensíveis de investigação utilizadas pelas teorias feministas, as teorias pós-coloniais e demais teorias que compõem a insurgência pós-positivista nas RI's. Neste sentido, metodologias que aproximam o investigador de seu tema de pesquisa são constantemente desencorajadas no Brasil, onde a investigação em RI tem se voltado principalmente às pesquisas com base em dados secundários.

A área ainda é permeada pelo elitismo e pelo classicismo entre seus pilares/fundações, ponto este que impossibilita que pesquisadores que não estejam em posições de poder consigam empreender etnografias em instituições como as Nações Unidas, por exemplo. Como afirma Nair (2021), há uma elite social e burocracias inacessíveis na política internacional, o que faz com seja necessário criar alternativas paralelas para se realizar uma imersão e percepção etnográfica.

O autor assume que as etnografias executadas no campo são direcionadas a estudar elites e, nesse caso, são delineadas de baixo para cima (Nair, 2021). Isso quer dizer que nesta área de estudo específica o trabalho de campo é cercado pelos interesses de elites políticas

que se encontram em burocracias fechadas e, a partir disso, os pesquisadores precisam quebrar essas barreiras e se envolver em espaços sociais fechados, tornando a pesquisa de campo na área um espaço para quem tem contatos ou para quem conta com amplos investimentos de pesquisa; nada disso se enquadra na realidade de um jovem pesquisador, especialmente, do Sul Global.

Embora alguns autores tenham se debruçado em explicar sobre a organização das pesquisas de campo no âmbito das RI's, é nos estudos de micronível que os investigadores conseguem organizar seus recursos e agendas de pesquisa para acessar a esfera de estudo. Contudo, isso não resolve a lacuna deixada nas investigações que não possibilitam diálogos diretos, contatos cotidianos e a identificação de emoções (Nair, 2021), aspectos tão presentes nas etnografias antropológicas e sociológicas.

Nair (2021) defende um outro tipo de etnografia, pautada em aspectos fundamentais e que são mais heterodoxos em relação às práticas comumente empregadas nas etnografias de outras áreas. O autor propõe o *hangout*, sua técnica distinta para pensar a etnografia na campo dos estudos internacionais, como um processo em que investigador estabelece uma residência contínua entre membros da comunidade em que pretende estudar, gerando algum nível de participação que possibilita a abertura, a ampliação e o aprofundamento para o espaço que pretende investigar.

O segundo processo do *hangout* proposto por Nair (2021) sugere que os pesquisadores interajam socialmente, informalmente e ludicamente com os investigados - por exemplo, diplomatas - fora dos espaços de trabalho e poder, e isso necessariamente inclui festas, bares, restaurantes e outros ambientes de socialização. O autor justifica que esse processo gera, para imersão de dados, relações consistentes de amizade, empatia e reciprocidade. A título de comparação, o autor acredita que esta técnica se assemelha à observação participante empregada pelas etnografias mais tradicionais.

E no terceiro ponto, o estabelecimento de relacionamentos é visto como tão importante quanto os propósitos principais de pesquisa, pois neste ponto em específico o cientista pode ser capaz de romper com atividades ritualizadas como as entrevistas semiestruturadas (Nair, 2021). Para o autor, a proximidade das relações interpessoais entre os investigadores de RI's e os investigados possibilita uma melhor triangulação de dados a partir do que é descoberto nas coxias. Estes são considerados dados novos, capazes de serem coletados apenas quando há a presença do "relacionamento".

Ressaltamos aqui um certo desconforto com a explanação do autor devido aos custos financeiros exagerados que pode se depreender de tais práticas. Sendo pesquisadores no Brasil e contando com baixíssimos níveis de investimentos em nossas pesquisas, sabemos que frequentar espaços sociais em que estão presentes grandes *decision-makers* da política

internacional requer o dispêndio financeiro elevado, o que para um estudante de mestrado e doutorado tornaria praticamente inviável a execução da pesquisa.

Nesse sentido, recorremos a Rio (2024), para pensar que as investigações etnográficas nas RI's não devem obedecer aos espaços delimitados ou unidades empíricas impostos por muitos investigadores do campo de pesquisa - a autora volta à ideia que nos referimos algumas páginas acima da necessidade de pensar a política internacional através dos micropolítica. Assim, Rio (2024) recusa as localidades limitadas e as totalidades abstratas, reivindicando os estudos localizados de práticas globais como importantes espaços de pesquisa, combatendo assim o domínio exercido dentro das RI's de metodologias positivistas, que tornam o campo uma grande entidade desconectada da vida social dos cidadãos e comunidade que compõem a tão aclamada "comunidade internacional". Abre-se espaço para mais uma vez se pensar que tais espaços, muitas vezes circunscritos aos Estados, também são formados por indivíduos. Aqui fazemos um apelo para que o nível privado da vida social seja considerado nas pesquisas do campo, uma vez que Estados, ou Estados-nação, são entidades abstratas, que devem ser materializadas na figura de seus cidadãos.

A etnografia deve ser vista nas RI's como um processo de expansão da compreensão do campo de estudo da disciplina, contribuindo diretamente para a teorização do campo. Contudo, a consideração do reflexivismo na área tem gerado debates controversos, condicionando aos teóricos que optam pela metodologia reflexiva de análise à uma subseção de pesquisadores, onde suas capacidades críticas são constantemente questionadas (Rio, 2024). A autora ainda apresenta o preconceito de determinados pensadores da área que consideram pesquisas indutivistas, como a etnografia, um processo ilusório, uma vez que para se teorizar as RI's o *mainstream* defende que é necessário a fundamentação a nível do sistema, utilizando a dedução para se chegar ao melhor resultado.

Contudo, Rio (2024) argumenta que parte da dificuldade existente na construção de uma etnografia em nosso campo de estudo está vinculada aos obstáculos de se conceituar o internacional metodologicamente. Para tanto, faz-se importante deixar de lado ideias como as de "localidade" ou "nível global", uma vez que a partir do abandono desses argumentos, a etnografia permitirá que se evidencie as relações sociais existentes nessas duas dimensões. Como consequência, passamos a ter um entendimento de que uma maior atenção em relação às práticas locais permitirá a construção de teorias em maiores escalas, com maiores interconexões e padrões mais sólidos (Rio, 2024).

Como um exemplo do argumento estabelecido pela autora, temos o livro de Rosana Pinheiro-Machado (2011), *Made in China*, que pode ser lido nas RIs como amplo estudo sobre a globalização, uma vez que na obra a autora demonstra os caminhos dos produtos pirateados pela China a partir de um percurso invertido: os camelôs de Porto Alegre, os comércios

chineses no Paraguai e na fronteira Brasil-Paraguai e, por fim, a produção dos produtos na China. Nesta etnografia, Pinheiro-Machado (2011) dá uma aula não apenas sobre como organizar uma etnografia, mas sobre as possibilidades de etnografar redes sociais locais que desencadeiam em grandes processos internacionais, neste caso específico, de comércio de pirataria internacional.

Argumentamos aqui que mais do que a dificuldade em acessar o "campo de estudo das Relações Internacionais'' - isso se estivermos pensando em termos de organizações internacionais, instituições internacionais e conflitos armados -, estamos criticando o que é tido como o objeto de estudo das RI's. Em muitos trabalhos analisados, ou em participação em bancas, ainda é surpreendente a quantidade de alunos que se força a pesquisar os assuntos mais bem recebidos pelo *mainstream* do campo, excluindo as possibilidades que as investigações em níveis locais permitiriam.

Como afirma Rio, "o objeto de estudo, seja ele limitado ou ilimitado ou algo completamente diferente, é sempre uma consequência de uma decisão analítica" (2024, p. 21). Assim, talvez uma das possibilidades analíticas viáveis em caso de etnografias nas RI's seja uma perspectiva mais ampla do que é a área e um olhar mais direcionado ao diálogo entre o local e global.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos a escolha metodológica um dos principais passos de qualquer pesquisa, independente da área, do campo de estudo ou do que será pesquisado. Arriscamos dizer que a escolha da etnografia nas Relações Internacionais e na Ciência Política, mais do que nas outras Ciências Sociais, envolve uma coragem e um certo desafio do próprio campo. Existe um conservadorismo presente nas RI's que dificulta o entendimento de que muitas vezes o internacional pode ser acessado a partir de redes locais de estudo.

Concordamos com Rio (2024) ao enxergar que o internacional se faz presente em mundos locais, situados e vividos, não em um reino muito distante, que contribui para sustentar a ideia de as RI's serem espaços inacessíveis e destinados para quem tem privilégios de acesso ou amplos financiamentos públicos de pesquisa. Claro que não podemos excluir de maneira alguma que uma pesquisa de campo acaba despendendo custos mais elevados do que uma pesquisa com dados secundários. Além disso, há uma necessidade importante de que o pesquisador execute sua investigação levando à risca a ética e a responsabilidade quando se trata de observar e etnografar seres humanos.

Ademais, esse artigo faz parte de amplas discussões no campo, que são fomentadas inclusive pelos autores citados, mas não se encerra em si mesmo. Como foi dito, há uma

ampla gama de debates que precisam ser feitos em torno da etnografia nas RI 's, e em relação às pesquisas de campo na disciplina. Dessa forma, convidamos pesquisadores e pesquisadoras da disciplina a não deixarem esse debate morrer e a empreenderem possibilidades mais democráticas e humanizadas de pesquisa na disciplina, distanciando-se dos confortáveis gabinetes e se aproximando-se mais dos indivíduos que são parte fundamental, embora muitas vezes subestimada, dessa disciplina.

REFERÊNCIAS

AUYERO, Javier. **Poor People's Politics: Peronist Survival Networks and The Legacy of Evita**. Durham: Duke University Press, 2001.

BAIOCCHI, Gianpaolo; CONNOR, Brian T. The Ethnos in the Polis: Political Etnography as a Mode of Inquiry. **Sociology Compass**, nº 2/1, pp. 139-155, 2008.

BROWN, Michael P. **RePlacing Citizenship**: AIDS Activism and Radical Democracy. New York: The GuildFord Press, 1997.

DOOREN, Thom van; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Eben. Multispecies Studies: Cultivating Arts of Attentiveness. **Environmental Humanities**. Vol 8, Issue 1, 2016.

ENLOE, Cynthia. **Bananas Beaches and Bases**: Making Feminist Sense of International Politics. Los Angeles: California University Press, 1990.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa**: Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HAMMERSLEY, Martyn, ATKINSON, Paul. **Ethnography**: Principles in Practice. Routledge, London and New York, 4ª ed. 2019.

KIRKSEY, Eben (orgs). Durham. **The Multispecies Salon**. Duke University Press, 2014.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Power and Interdependence**: World Politics in Transition. Boston: Little, Brown, 1977.

KOZINETS, Robert V. **Netnography**: Doing Ethnographic Research Online. London: Sage, 2010.

LANCASTER, Roger N. **Thanks to God and the Revolution**: Popular Religion and Class Consciousness in the New Nicaragua. New York: Columbia Press, 1988.

LAPID, Yosef. The third debate: On the prospects of international theory in a post-positivist era. **International studies quarterly**, v. 33, n. 3, p. 235-254, 1989.

NAIR, Deepak. **"Hanging Out" while Studying "Up"**: Doing Ethnographic Fieldwork in International Relations. Vol. 23. Issue: 4, 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China**: (in)formalidade, pirataria, e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil. Editora HUCITEC, 2011.

RIO, Anna E. Revisiting the Case of Ethnography and International Relations. **Millenium Journal of International Studies**, Vol 52, Issue 2, 2024.

TILLY, Charles. Afterword: Political Ethnography as Art and Science. New York. **Qual Sociol**, Vol 26, 2006.

VIEIRA, Thaís. **Intolerância Religiosa, Violação de Direitos Humanos e Colonialidade da Fé**: as igrejas pentecostais e as mulheres Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul. Tese. Lume: UFRGS, 2023.

WALTZ, Kenneth. **Teoria de Relações Internacionais**. Lisboa: Editora Gradiva, 2002.